

Luta em 140 caracteres: o Twitter como arena de reconhecimento e visibilidade para os atletas paralímpicos

[Struggle in 140 characters: Twitter as recognition and visibility arena for paralympic athletes]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2019, vol. 9(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2019.9.3.347

 Open Access Journal

Helen Anacleto

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Resumo

O desinteresse dos meios de comunicação chamados tradicionais pela cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 evidenciou o Twitter como uma importante arena de visibilidade e reconhecimento para os atletas paralímpicos. Neste artigo, analisamos e categorizamos o conteúdo de 1.238 (n=1.238) postagens feitas pela conta do Comitê Paralímpico Brasileiro (@cpboficial) e, concomitantemente, 9.132 (n=9.132) tweets postados pelos usuários da rede social com a hashtag #JogosParalímpicos, todos publicados durante o evento no Brasil. Após esta fase, encontramos três tipos de reconhecimento expressos aos atletas: o Institucional, o Esportivo e o Afetivo/Ideológico. Os resultados são analisados à luz do debate da teoria do reconhecimento feito entre Nancy Fraser e Axel Honneth.

Palavras-chave: Twitter, atletas paralímpicos, jogos paralímpicos, luta por reconhecimento

Abstract

The lack of interest of the traditional media in covering the Paralympic Games puts Twitter as an important space of visibility and recognition of disabled athletes. This article analyses the content of 1.238 (n=1.238) posts made by the Brazilian Paralympic Committee account (@cpboficial) and 9.132 (n=9.132) tweets made by users of the social networks with the hashtag #JogosParalimpicos, all posted during the event in Brazil. After this, the paper finds three types of recognition expressed to the athletes: Institutional; Sportive and Affective/Ideological. The results are analysed under Nancy Fraser and Axel Honneth's discussion of theory of recognition.

Keywords: Twitter, paralympic athletes, paralympic games, struggle of recognition.

Luta em 140 caracteres: o Twitter como arena de reconhecimento e visibilidade para os atletas paralímpicos

Helen ANACLETO

Quase 50 anos depois da primeira participação em uma edição dos Jogos Paralímpicos, em 1972, em Heidelberg, na Alemanha, o Brasil mostrou ao mundo uma delegação muito mais imponente. Pela primeira vez na história do esporte nacional, o país teve representantes em todas as 22 categorias da competição. Ao todo, 4,3 mil atletas vieram ao país em busca de uma medalha. Desses, 278 eram brasileiros (CPB, 2016). No Rio de Janeiro, as conquistas foram proporcionais à quantidade significativa de atletas. Mesmo que não tenha alcançado o melhor desempenho da história no quadro de medalhas – feito alcançado em 2012, em Londres, quando o Brasil terminou em 7º lugar entre todos os países¹ –, a delegação brasileira acumulou números nunca antes registrados. Foram 72 medalhas no total, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O feito garantiu o 8º lugar no quadro geral de medalhas da competição.

O Ministério do Esporte trabalhou desde muito antes da edição carioca dos Jogos Paralímpicos para que os resultados dos atletas superassem Londres 2012. Como os atletas olímpicos, os esportistas paralímpicos fizeram parte de projetos dos Executivos Estadual e Federal como o Bolsa Atleta – que financiou 90,6% de todos os atletas que disputaram os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (CPB, 2016). Entre 2005 e 2015, foram investidos mais de R\$ 164,8 milhões em quase 12 mil bolsas destinadas a paratletas de todo o país (*Idem*, 2016). No entanto, mesmo com os investimentos, a disparidade na distribuição de recursos entre atletas olímpicos e paralímpicos é evidente. Os atletas paralímpicos travam uma luta por reconhecimento e redistribuição (Fraser, 2007; Honneth, 1999; 2003; Fraser; Honneth, 2003) que perpassa a carreira e atinge esses atores em sua identidade. Os recursos escassos e as dificuldades financeiras desequilibram as relações e mostram que esses profissionais nem sempre recebem o reconhecimento

¹ Em Londres, os atletas paralímpicos do Brasil conquistaram 43 medalhas, sendo 21 de ouro, 14 de prata e 8 de bronze. Vale lembrar que o critério que determina a colocação geral no quadro de medalhas é o número de conquistas de ouro. (CPB, 2016).

expresso a atletas sem nenhuma deficiência (Figueiredo; Novais, 2010; Marques, 2010; Brazuna; Castro, 2001). Parte desse problema é amparado pelo debate sobre luta por reconhecimento empreendido por Nancy Fraser e Axel Honneth (2003).

Durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, o desinteresse dos meios de comunicação tradicionais tornou o Twitter uma plataforma de visibilidade e reconhecimento para os atletas paralímpicos². Neste artigo, apresentamos o resultado de uma dissertação de mestrado que fez um estudo qualitativo-comparativo dividido em duas partes: na primeira etapa, analisamos o conteúdo de de 1.238 (n = 1.238) postagens feitas pela página do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) no Twitter³. Em seguida, categorizamos 9.708 (n = 9.708) postagens com a hashtag #JogosParalímpicos. Todas as publicações foram feitas entre 07 e 18 de setembro de 2016 – período de realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro e coletadas por meio do *Twitter Crawler*⁴, uma ferramenta de mineração de dados do Twitter desenvolvida pelo Laboratório de Opinião Pública, Comunicação Política e Mídias Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio) em parceria com o Departamento de Informática da instituição.

A partir dos padrões definidos por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1979; Cappelle; Melo; Gonçalves, 2003), todas as postagens coletadas do CPB e com a hashtag passaram por uma categorização dividida da seguinte forma: 1) Divulgação dos Jogos Paralímpicos; 2) Desempenho do atleta paralímpico; 3) Demonstração de emoção ou afeto; 4) Convocação de torcida; 5) Bastidores dos Jogos Paralímpicos; 6) Informações gerais. Já os *tweets* com a hashtag #JogosParalímpicos foram enquadrados sob as categorias a seguir: 1) Divulgação dos Jogos Paralímpicos; 2) Desempenho do atleta paralímpico; 3) Demonstração de emoção ou afeto; 4) Manifestações da torcida; 5)

² Grande parte dessa visibilidade se dá por conta das características específicas de redes como o Twitter. Em um estudo detalhado sobre como as notícias jornalísticas ganham divulgação nas redes sociais, Axel Bruns (2011) assinala que, enquanto plataforma, tanto a rede de 140 caracteres quanto o Facebook aceleram a velocidade com que as informações são compartilhadas, debatidas e, até, desacreditadas. Nesse sentido, mesmo que o espaço disponível para publicação no Twitter seja limitado a poucos caracteres, a expressiva quantidade de *tweets* relacionados tanto aos Jogos Olímpicos quanto aos Jogos Paralímpicos demonstra que a rede social se apresenta, sim, como um espaço importante de visibilidade para os atletas paralímpicos.

³ Disponível em: <https://twitter.com/cpboficial>.

⁴ LIFSCHITZ, S.; ITUASSU, A.; SAVA, P.; VAZ, MB. PUC-Rio Twitter Crawler: software de mineração de dados no Twitter, 2016 (2015).

Bastidores dos Jogos Paralímpicos; 6) Publicidade; 7) Informações gerais; 8) Jornalismo; 9) Redes sociais exteriores; 10) Outros.

A partir da categorização na análise de conteúdo passamos para a segunda etapa do estudo que foi o de avaliar que tipos de reconhecimento derivam dos *tweets* enquadrados em cada categoria prévia. Em nossa análise, encontramos três modalidades de reconhecimento que tanto o CPB quanto os usuários da *hashtag* #JogosParalímpicos dedicam aos atletas paralímpicos nos limites do Twitter: 1) Reconhecimento Institucional, dedicado a exaltar a realização dos Jogos Paralímpicos como evento; 2) Reconhecimento Esportivo, referente à performance e desempenho dos atletas paralímpicos e 3) Reconhecimento Afetivo/Ideológico, que expressa emoção e atribui aos atletas e aos Jogos Paralímpicos exemplos de superação que, como veremos, também podem servir como meio de perpetuar uma visão estigmatizada sobre os esportistas paralímpicos. Cada uma dessas categorias de reconhecimento foi analisada pelo software Maxqda, que faz uma contagem das palavras mais recorrentes nas postagens e organiza uma árvore interativa na qual é possível ver quais são as correlações textuais mais utilizadas em cada uma das categorias de reconhecimento identificadas na fase preliminar da pesquisa. As categorias foram elaboradas com base no debate teórico sobre reconhecimento entre Axel Honneth e Nancy Fraser. A base conceitual de luta por reconhecimento também norteia a análise dos resultados encontrados.

Neste artigo, vamos discutir a importância da teoria de Axel Honneth (2003) para o entendimento do esporte paralímpico como elemento importante na constituição da identidade do atleta com deficiência e sua busca por autorrealização. Depois, passaremos a discutir o pensamento de Nancy Fraser (Fraser; Honneth, 2003; 2007) para trazer ao debate os conceitos de reconhecimento e redistribuição que compõem os objetivos sociais na luta do atleta paralímpico por paridade de participação. Apresentaremos, na sequência, o método, a coleta dos dados e a análise dos resultados obtidos, tendo como base os conceitos trabalhados. Finalmente, abordaremos os resultados desta pesquisa, segundo as hipóteses apresentadas a seguir:

H1) Em sua página no Twitter, o Comitê Paralímpico Brasileiro trabalha para propor uma demanda de Reconhecimento Esportivo aos atletas paralímpicos, baseado na estima

social. Isso sem, no entanto, valer-se de suas histórias particulares, principalmente no que se refere à deficiência de cada um e sem oferecer uma visão estigmatizada dos atores.

H2) Os usuários do Twitter tendem a se apropriar da hashtag #JogosParalímpicos, lançada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, para expressar Reconhecimento Institucional, ou seja, mais ligado à ocorrência dos Jogos Paralímpicos como evento mundial – a despeito da performance esportiva de cada atleta paralímpico.

H3) O Twitter constitui-se, primeiramente, como uma arena de visibilidade para os Jogos Paralímpicos enquanto evento mundial e, secundariamente, serve de espaço para a expressão da luta por reconhecimento e redistribuição dos atletas paralímpicos.

Redistribuição e reconhecimento: um ideal dos atletas paraolímpicos

Tendo como base os estudos da primeira e segunda fases da Teoria Crítica, Axel Honneth (1999) desenha o que denomina de gramática moral dos conflitos sociais: para além da noção sociológica de que o reconhecimento teria como objetivo principal a autoconservação ou o aumento do poder, ideias arraigadas na filosofia moderna de Hobbes e Maquiavel, Honneth defende que o desrespeito é um elemento pré-científico que justifica a emancipação humana. Dessa forma, o autor acredita que os embates servem como meio para que cada sujeito possa se desenvolver moralmente e obter uma autoimagem coerente.

Para Honneth (2003), o ideal normativo de justiça passa pela interação social. Quando se reconhece e é reconhecido como parte do sistema social, o indivíduo consegue desenvolver plenamente sua identidade intersubjetiva e, a partir desse desenvolvimento, consegue pavimentar o caminho de sua autorrealização:

Nesse sentido, a liberdade da autorrealização depende de pressupostos que não estão à disposição do próprio sujeito humano, visto que ele só pode adquiri-la com a ajuda de seu parceiro de interação. Os diversos padrões de reconhecimento representam condições inersubjetivas que temos de pensar necessariamente quando queremos descrever as estruturas universais de uma vida bem-sucedida. (HONNETH, 2003, p. 273).

Honneth formula uma teoria de justiça que se ampara sob a luz de três diferentes esferas normativas de reconhecimento: a do amor, a do direito e a da estima social. O amor, na concepção honnethiana à luz do pensamento de Hegel, Mead e Winnicot, é o primeiro de todos os reconhecimentos vivenciados por um sujeito. Ele se materializa como o primeiro amor vivenciado por um ser humano com sua mãe e permite que o indivíduo realize seu objetivo de ser dependente na mesma medida em que aprende a sobreviver sozinho. Dessa modalidade de reconhecimento nasce a possibilidade de conquista da autoconfiança.

Já na esfera do direito, Honneth (2003, p. 181) indica que o reconhecimento se realiza de uma forma universalizável que não permite “exceções e privilégios”. São os princípios morais universalistas, portanto, que permitem que os indivíduos se vejam como iguais, de forma recíproca, e como sujeitos que compartilham condições de participar do processo dialógico social. A partir da conquista do reconhecimento nessa esfera, o sujeito pode experimentar o autorrespeito.

A última esfera de reconhecimento necessária para a autorrealização do sujeito, em Honneth, é a da estima social. Para além da justiça, ela se baseia não no respeito à coletividade, mas sim na correção do desrespeito às diferenças em uma perspectiva universal e, ao mesmo tempo, intersubjetiva. O que advém da conquista do reconhecimento nessa esfera é a autoestima.

Trazendo todos esses conceitos para a realidade dos atletas paralímpicos, é possível interpretar que o fenômeno social de injustiça também é experimentado pelos atores em questão, em diferentes estágios da carreira esportiva. Wheeler *et al* (1999) dividem a carreira de um atleta paralímpico em três fases: pré-transição, transição e pós-transição. A primeira diz respeito à iniciação no esporte, seja formal ou informalmente. É nesse momento que, segundo os autores, mesmo com barreiras, o atleta começa a desenvolver sentimentos de identificação com o esporte, além de autoestima e consciência corporal. Considerando os conceitos de Honneth, essa é uma fase em que é possível perceber aspectos da luta por reconhecimento dentro dos limites da estima social. O atleta paralímpico busca, com a iniciação no esporte, ampliar seu círculo social, individualizar-se para além da deficiência que o universaliza socialmente, desenvolver suas capacidades específicas como esportista de elite ou amador, e ter, de forma geral, valorizada sua

demanda por reconhecimento das diferenças. Na segunda fase, chamada transição, o ambiente competitivo obriga o atleta em questão a lidar com os resultados negativos e as derrotas – muitas delas causadas por lesões ou dificuldades técnicas que geram sentimento de insegurança.

Essa luta por reconhecimento carrega características de uma demanda que pode se realizar dentro da esfera do amor. É nessa fase que o atleta paralímpico tem sua autoconfiança abalada e busca nas relações primárias com familiares, amigos, técnicos e médicos, por exemplo, o regate da segurança que tinha como profissional do esporte. Já na terceira e última fase, chamada pós-transição, o atleta experimenta a preocupação com o futuro que deseja traçar para além do ambiente esportivo (Wheeler *et al.*, 1999). Quando se aposenta do esporte, muitos profissionais passam a empreender uma luta por reconhecimento na esfera do direito. Vários atletas passam a ser porta-vozes das causas universais das pessoas com deficiência e buscam a correção de injustiças como a privação de direitos e a exclusão. Essa luta por autorrespeito passa a ser uma forma de manter-se ligado ao ambiente esportivo e às demandas por reconhecimento das pessoas com deficiência.

Diferente de Taylor (1994), que não chega a abordar o problema, e Honneth (2003), que reduz a demanda por redistribuição a um problema de reconhecimento na esfera da estima social, Fraser defende um modelo bidimensional que consiga colocar lado a lado as dimensões culturais (de reconhecimento) e econômicas (de redistribuição) de justiça social. Para Fraser (Fraser; Honneth, 2003), a luta por um ideal normativo de justiça parte da resolução de problemas dentro dessas duas esferas, diferentes e imbricadas no processo de correção das desigualdades sociais (Mendonça, 2007). De um lado, está o ideal de redistribuição, que tem como objetivo principal o provimento de recursos materiais para que não haja diferenciação entre os sujeitos ou para que, em outras palavras, todos os membros adultos de uma sociedade tenham condições iguais de participar da vida social. Do outro, está o reconhecimento, que prega justamente a valorização do que é único e particular em cada grupo (*Idem*, 2007).

Para Fraser, uma teoria bidimensional de justiça que imbrique dois paradigmas, de reconhecimento e redistribuição, é importante porque consegue abarcar conceitos distintos de injustiça. O primeiro com relação a aspectos reproduzidos por meio dos

padrões culturais de representação, interpretação e comunicação, somados à dominação cultural, à ausência de reconhecimento e ao desrespeito. Já o segundo é referente às desigualdades econômicas experimentadas pelo sujeito por meio da marginalidade, da exploração e da carência ou privação (Fraser; Honneth, 2003). Ao defender seu modelo de status sobre o modelo de identidade de Honneth, a autora garante que sua teoria é capaz de justificar as demandas por reconhecimento partindo de uma base moral, não mais ética como prevê o autor. Isso porque, segundo ela: “não há apenas uma concepção de ‘boa vida’ que possa atender a todos, universalmente (*Idem*, 2003, p. 30, tradução nossa). Dessa forma, segundo Fraser (*Idem*, p. 31), os efeitos do desrespeito na vida de um sujeito vão muito além dos danos à identidade. Em uma tentativa de retirar a discussão do campo da ética e enquadrá-la no campo da moral, Fraser busca explicar, a partir de Weber, o reconhecimento não mais a partir do processo de busca por autorrealização ou nos termos psicológicos de depreciação da identidade, mas sim sob o prisma da subordinação cultural e econômica. Nessa perspectiva, a análise do desrespeito passa a ter como alvo não a distorção da identidade e sim os padrões culturais de subordinação que impedem a paridade de participação (Fraser; Honneth, 2003, p. 31, tradução nossa): “o que faz a falta de reconhecimento moralmente errada, nesse sentido, é que ela nega a alguns indivíduos e grupos a possibilidade de participar como um par com outros na interação social”.

Os atletas paralímpicos apresentam demandas que remontam ao ideal normativo de paridade de participação. Primeiro, porque empreendem uma luta pelo reconhecimento de seus direitos enquanto pessoas com deficiência com demandas culturais pela superação das desigualdades, bem como pelo reconhecimento de suas diferenças e capacidades individuais como atletas de elite. Esse reconhecimento é, quase sempre, acompanhado por uma narrativa de estigma, que coloca o atleta paralímpico como um indivíduo extraordinário (Shell; Duncan, 1999; Calvo, 2001; Hardin; Hardin, 2003; Figueiredo, 2014), digno de admiração muito mais pelo exemplo de superação que é atribuído à sua carreira do que, efetivamente, pelo seu desempenho como atleta de elite. A partir desse objetivo deriva a demanda por redistribuição: também em nome da paridade de participação, os atletas paralímpicos reivindicam mais investimentos estruturais que possibilitem iguais condições para o desenvolvimento de sua carreira esportiva (Brazuna; Castro, 2001; Marques, 2010).

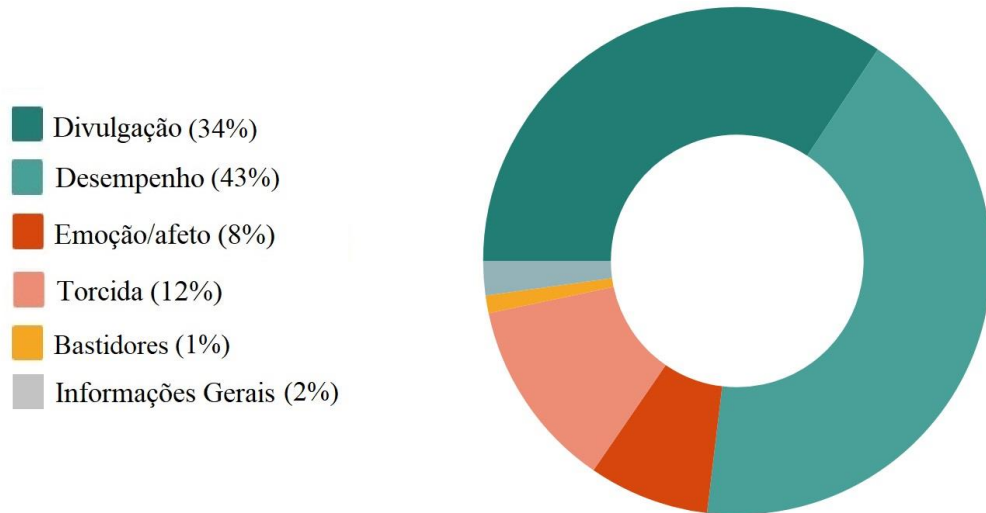
Análise dos posts do Comitê Paralímpico Brasileiro

A entidade que representa institucionalmente os atletas paralímpicos no Brasil é o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Essa representação não se restringe à dimensão oficial ou institucional, mas também por meio do advocacy. Mafra (2014, p. 182) explica que esse conceito ganha forma na democracia contemporânea, tanto porque representa determinadas práticas de grupos que lutam por causas sociais, quanto porque fala direto aos próprios grupos que atribuem a si mesmos a missão de advogar em favor de “sujeitos sem voz e vez nas arenas políticas formais, em condições de violação de direitos, de sofrimento moral e/ou de invisibilidade na cena pública”. O autor define, ainda, os *advocates* como porta-vozes atribuídos por si mesmos como representantes de indivíduos ou grupos e atenta para o fato de que as “formas de representação como advocacy, embora possam trazer benefícios em curto prazo para integrantes de um ou outro grupo social, não estimulam o exercício dessas autonomias” (Mafra, 2014, p. 213). Blauwet e Willick (2012, p. 852) afirmam que o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) foi criado em 1989 justamente com o objetivo de se tornar uma voz coletiva de movimento advocacy que visava apoiar o crescimento dos esportes paralímpicos no mundo.

Tendo como base esses pontos primordiais, a partir de agora, analisaremos o conteúdo de 1.238 (n = 1.238) *tweets* publicados pela entidade durante a realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. As publicações foram enquadradas sob os seguintes organizadores de conteúdo: 1) Divulgação dos Jogos Paralímpicos; 2) Desempenho do atleta paralímpico; 3) Demonstrações de emoção ou afeto; 4) Convocação de torcida; 5) Bastidores dos Jogos Paralímpicos; 6) Informações gerais.

Após a análise de conteúdo, os resultados obtidos foram distribuídos conforme detalhado no gráfico a seguir (gráfico 1):

Gráfico 1 - Relação de posts do comitê paralímpico brasileiro agrupados por categorias de análise



Fonte: a autora, 2017.

Tabela 1 – Frequência de tweets do CPB por categoria de análise

| Categoria | Frequência |
|-------------------------------------|--------------|
| Divulgação dos Jogos Paralímpicos | 425 |
| Desempenho dos atletas paralímpicos | 520 |
| Demonstrações de emoção ou afeto | 69 |
| Manifestação de torcida | 140 |
| Bastidores | 14 |
| Informações gerais | 27 |
| TOTAL | 1.238 |

Fonte: a autora, 2017.

Nas postagens feitas no Twitter, a conta do Comitê Paralímpico Brasileiro prioriza a exaltação do *Desempenho dos atletas paralímpicos* (43%). Neles, a entidade se dedica não só a fazer a transmissão das partidas em andamento ou informar os resultados dos atletas, mas também a destacar a performance de cada um nas competições. Em segundo lugar, o CPB assume a *Divulgação dos Jogos Paralímpicos* (34%), com *tweets* que informam os seguidores sobre o andamento e a conclusão das partidas – sem, necessariamente, citar o desempenho individual dos atletas paralímpicos. Em 12% dos *tweets*, o CPB estabeleceu um diálogo direto com o torcedor – ao convidá-lo a apoiar os esportistas em

competição (figura 3) ou, então, ao dar destaque para a presença de espectadores nas arenas dos jogos. Em apenas 8% das postagens, o CPB usou o Twitter para demonstrar emoção ou afeto pelos atletas paralímpicos ou pelos Jogos Paralímpicos. Assim é possível perceber que o CPB não se vale das histórias particulares desses atores em suas transmissões feitas durante os Jogos Rio 2016. Ao lado de Informações gerais (2%), a categoria que menos aparece entre os *tweets* do CPB é a de Bastidores (1%). Embora tenha se colocado institucionalmente como uma alternativa de transmissão dos jogos face ao desinteresse das emissoras com direitos de transmissão, o CPB não utilizou o Twitter para ser uma fonte de notícias e informações gerais sobre os Jogos Paralímpicos (figura 1), tampouco para falar sobre o que acontecia longe das arenas de competições. A prestação de serviço, como informações sobre transmissões e ingressos não foi o foco da página. Ao contrário: os poucos *tweets* enquadrados em Bastidores se dedicaram a registrar a presença de autoridades, atletas e ex-atletas de outras modalidades no evento.

Figura 1 – Tweet do CPB enquadrado na categoria informações gerais

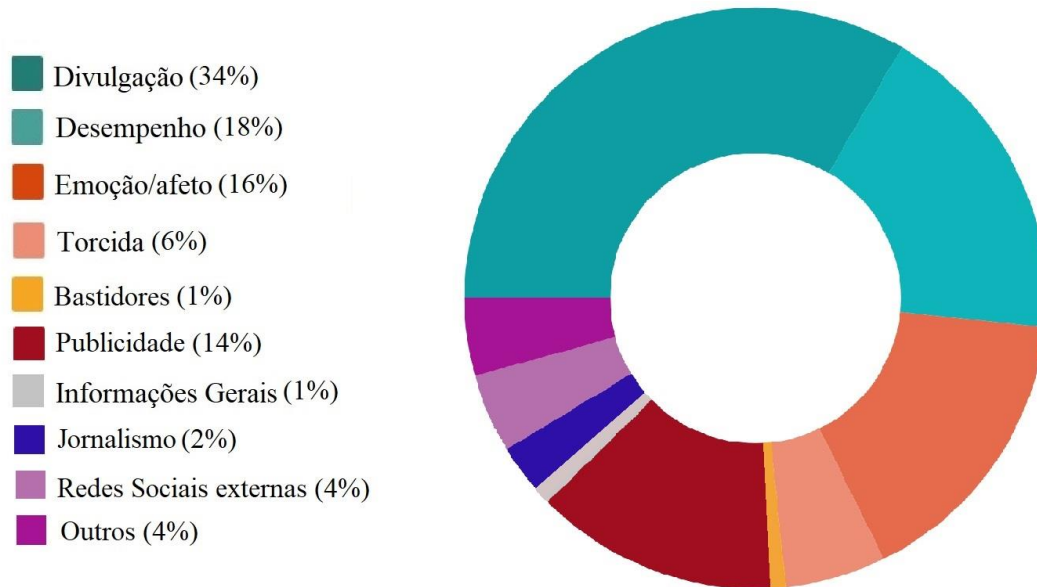


Fonte: Twitter, 2016.

Análise dos tweets com a hashtag #JogosParalímpicos

A análise de conteúdo dos 9.132 *tweets* publicados por usuários do Twitter com a *hashtag* #JogosParalímpicos apresentou os seguintes resultados: 1) Divulgação dos Jogos Paralímpicos: 3.051 *tweets*; 2) Desempenho dos atletas paralímpicos 1.657 *tweets*; 3) Demonstrações de emoção ou afeto: 1.478 *tweets*; 4) Torcida: 509 *tweets*; 5) Bastidores: 21 *tweets*; 6) Publicidade: 1.288 *tweets*; 7) Informações gerais: 96 *tweets*; 8) Jornalismo: 238 *tweets*; 9) Redes sociais externas: 401 *tweets* e 10) Outros: 393 *tweets*, conforme detalhado no gráfico a seguir (gráfico 2).

Gráfico 2 – Relação de posts com a hashtag #jogosparalímpicos agrupados por organizadores de conteúdo



FONTE: a autora, 2017.

Tabela 2 – Frequência de tweets com a hashtag por categoria de análise

| Categoria | Frequência |
|-------------------------------------|--------------|
| Divulgação dos Jogos Paralímpicos | 3.051 |
| Desempenho dos atletas paralímpicos | 1.657 |
| Demonstrações de emoção ou afeto | 1.478 |
| Manifestação de torcida | 509 |
| Bastidores | 21 |
| Publicidade | 1.288 |
| Informações gerais | 96 |
| Jornalismo | 238 |
| Redes sociais externas | 401 |
| Outros | 393 |
| TOTAL | 9.132 |

Fonte: a autora, 2018.

A análise demonstra que a maioria dos posts com a hashtag se enquadra na categoria Divulgação dos Jogos Paralímpicos (34%). Grande parte dos tweets analisados se dedica

a fazer a transmissão dos eventos em andamento ou a atualização de resultados sem citar nominalmente o atleta paralímpico ou mencionar sua performance esportiva. Destaca-se, aqui, a quantidade significativa de postagens que questionaram – do início ao fim dos Jogos Paralímpicos – a falta de cobertura das emissoras detentoras dos direitos de transmissão. Entendemos que os questionamentos a respeito da falta de transmissão configuram-se como uma valorização indireta, ou institucional, já que diz mais respeito ao evento em seu sentido geral do que, necessariamente, atenta para as demandas por estima social dos atletas paralímpicos, de forma individual e baseada em suas capacidades. Nesses *tweets*, em particular, é possível perceber que o usuário do Twitter expõe, como representante *advocacy* (Mafra, 2014; Cal, 2015) dos atletas paralímpicos, uma demanda por paridade de participação (Fraser; Honneth, 2003) frente à divulgação considerável durante os Jogos Olímpicos (figura 2)⁵.

⁵ De acordo com o Ibope (2016), 63,4 milhões de pessoas assistiram pela TV a pelo menos um minuto de transmissão dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizado em agosto de 2016. Os números representam 93% de todos os indivíduos representados nas 15 regiões metropolitanas aferidas (IBOPE, 2016). A audiência estimada pelo Comitê Rio 2016, que organizou o evento, era de 5 bilhões de pessoas em todo o mundo. Com um investimento bilionário, a Rede Globo utilizou quase metade de toda a grade diária – cerca de dez horas – para transmitir os jogos no que foi considerada pela emissora carioca a maior cobertura de sua história⁵. No entanto, a cobertura dedicada aos Jogos Paralímpicos não esteve nem próxima de ser a vista pelo público durante as Olimpíadas. Enquanto nos Jogos Olímpicos, oito emissoras brasileiras⁵, entre canais abertos e fechados, transmitiram as competições, durante as Paralimpíadas apenas duas emissoras levaram o evento ao público pela TV. a TV Brasil, enquanto canal aberto, e a Globosat, responsável pelos canais fechados SporTV. Para mais detalhes, ver: http://www.brasilpost.com.br/2016/09/07/cobertura-paralimpiada-tv_n_11890312.html. Acesso em 14 de janeiro de 2017.

Figura 2 - Tweets com a hashtag na categoria divulgação dos jogos paralímpicos



Fonte: Twitter, 2016.

Mesmo com a demonstração de indignação dos usuários com a falta de visibilidade midiática dos jogos, os *tweets* enquadrados sob a categoria Desempenho dos atletas paralímpicos representaram pouco mais que 18% de todo o universo de postagens analisadas.

Na categoria Demonstrações de emoção ou afeto encontramos 18% de postagens que utilizam a *hashtag* para falar de características pessoais do atleta paralímpico sem citar sua performance esportiva ou, então, para se referir a eles como sendo “super-humanos” (Figueiredo, 2014) com poderes especiais de superação da deficiência. Parte dessa demonstração de afeto também foi conferida a eventos específicos dos Jogos Paralímpicos, como as cerimônias de abertura e encerramento, além da premiação de atletas. A emoção também se deu no sentido de destacar uma partida difícil para a delegação brasileira ou um resultado surpreendente. Em 6% das postagens com a *hashtag*, os usuários do Twitter se dedicaram a manifestar Torcida para os atletas paralímpicos em ação. Grande parte dos *tweets* desta categoria foram referentes à marcação de presença de torcedores nas arenas esportivas dos Jogos Paralímpicos ou à manifestação do desejo

de estar no evento. Além disso, os torcedores também usaram a hashtag para desejar sorte aos atletas paralímpicos, principalmente ao nadador Daniel Dias (figura 3).

Figura 3 – Tweets com a hashtag na categoria desempenho dos atletas paralímpicos



Fonte: Twitter, 2016.

A categoria *Bastidores* apareceu em menos de 1% de todas as postagens analisadas nesta pesquisa, na maioria para mostrar a presença de artistas e atletas de outras modalidades

presentes nas arenas esportivas do Parque Olímpico. Já a categoria Publicidade foi registrada em 14% dos *tweets*. Ao contrário do uso, também tímido, feito pelo CPB para divulgar informações sobre ingressos e transmissões, na categoria *Informações gerais* identificada em 1% de postagens com a *hashtag* encontramos um conteúdo que, basicamente, fez referência à presença das mascotes dos Jogos Paralímpicos nas arenas de competição. As reportagens jornalísticas compartilhadas no Twitter também utilizaram a *hashtag* para se incluírem na arena de visibilidade formada em torno dos Jogos Paralímpicos. A categoria Jornalismo apareceu em 2% de todas as postagens analisadas nesta pesquisa. Por fim, destacamos a presença de 4% de *tweets* enquadrados na categoria Outros. Por conta de suas características, parte dessas postagens não pode ser enquadrada em qualquer uma das outras nove disponíveis.

O Twitter como arena de reconhecimento para os atletas paraolímpicos

A partir das três categorias comuns na análise de conteúdo das postagens do CPB e com a *hashtag* #JogosParalímpicos com maior número proporcional⁶ de postagens, Divulgação dos Jogos Paralímpicos, Desempenho do atleta paralímpico e Demonstrações de emoção ou afeto identificamos três tipos de reconhecimento expostos no Twitter: 1) Reconhecimento Institucional; 2) Reconhecimento Esportivo e 3) Reconhecimento Afetivo/Ideológico. A seguir, detalharemos as características de cada modalidade de reconhecimento com o auxílio do *software* Maxqda.

⁶ O cálculo desta proporcionalidade foi feito somando-se as porcentagens referentes à incidência de cada categoria nos posts do CPB e, concomitantemente, nas postagens com a *hashtag*. A aplicação da fórmula matemática adequada demonstrou que as categorias comuns mais recorrentes entre os *tweets* analisados foram, na ordem: Divulgação dos Jogos Paralímpicos, Desempenho dos atletas paralímpicos, Demonstrações de emoção ou afeto, Manifestação de torcida, Informações gerais e Bastidores. Para a fase subsequente da pesquisa, foram escolhidas apenas as três primeiras que mais aparecem entre os posts.

Tipos de reconhecimento nos posts do Comitê Paralímpico Brasileiro e com a hashtag #JogosParalímpicos

Reconhecimento Institucional

Tanto nos posts do CPB quanto nos que foram publicados com a *hashtag* #JogosParalímpicos, entendemos que o Reconhecimento Institucional está presente na categoria *Divulgação dos Jogos Paralímpicos*. A divulgação da agenda, do quadro de medalhas e das entrevistas coletivas concedidas pelos atletas paralímpicos expunham Reconhecimento Institucional – direcionado diretamente aos Jogos Paralímpicos e indiretamente aos atletas paralímpicos em uma modalidade de reconhecimento que se enquadra nas características encontradas na esfera do direito (Honneth, 2003). Partindo dessa perspectiva, o Reconhecimento Institucional exposto pelo CPB representa justamente o clamor de uma demanda por reconhecimento da integridade social dos Jogos Paralímpicos e não especificamente dos atletas paralímpicos. Ao divulgar as partidas, fazer a transmissão de competições e destacar detalhes sobre o andamento das partidas, o CPB se colocou na arena de reconhecimento do Twitter expondo uma demanda de visibilidade em termos de igualdade de importância do evento se comparado aos Jogos Olímpicos. A frequência de palavras e a árvore interativa de palavras (apêndice 1) nos permitem ver que há, por parte do CPB, cinco troncos principais para a construção de três diferentes narrativas: por meio dos nós iniciados pelas palavras *vence* e *perde*, vemos que a entidade se dedicou a informar os resultados das partidas concluídas. Já o nó iniciado com as palavras *vai* e *vencendo* e o ponto “!” mostra, majoritariamente o segmento de posts dedicados à transmissão minuto a minuto dos Jogos Paralímpicos – em uma alternativa de cobertura aos seguidores da página no Twitter.

Tabela 1 - Frequência de palavras da categoria reconhecimento institucional nos posts do CPB

| | Palavra | Frequência | % |
|----|-----------|------------|------|
| 1 | brasil | 150 | 3,89 |
| 2 | atletismo | 76 | 1,97 |
| 3 | final | 62 | 1,61 |
| 4 | goalball | 49 | 1,27 |
| 5 | ir | 43 | 1,11 |
| 6 | disputar | 41 | 1,06 |
| 7 | contra | 38 | 0,98 |
| 8 | jogar | 38 | 0,98 |
| 9 | bronze | 35 | 0,91 |
| 10 | futebol5 | 35 | 0,91 |

Fonte: Maxqda, 2018.

As postagens com a *hashtag* #JogosParalímpicos dentro da categoria de Reconhecimento Institucional nos permitem visualizar que, assim como o CPB, essa demanda foi exposta por meio da narrativa que levou em conta a delegação brasileira – a liderança no ranking das postagens com a *hashtag* também foi a palavra Brasil. Nota-se, porém, que as palavras mais utilizadas exaltam a premiação dos atletas – fato evidenciado pela presença majoritária de ouro, prata, bronze e medalhas nos posts. A *natação*, o *atletismo*, o *goalball*, além do *futebol* foram os esportes que lideraram as postagens de Reconhecimento Institucional. Essa modalidade de reconhecimento é que lidera as postagens com a *hashtag* #JogosParalímpicos. A maciça quantidade de *tweets* publicados com o intuito de divulgar o início e o fim dos Jogos Paralímpicos, bem como as postagens dedicadas a transmitir resultados das competições finalizadas e o andamento de outras tantas nos permite inferir que essa modalidade de reconhecimento exposta por meio da *hashtag* se valeu dos mesmos instrumentos utilizados pela página do CPB para ganhar espaço na arena de reconhecimento do Twitter durante os Jogos Paralímpicos. As frentes exploradas também foram referentes à transmissão, à agenda de partidas e à transmissão de resultados (tabela 2 e apêndice 2).

Tabela 2 – Frequência de palavras da categoria reconhecimento institucional nos posts com a hashtag

| | Palavra | Frequência | % |
|----|-----------|------------|------|
| 1 | brasil | 908 | 4,94 |
| 2 | ouro | 511 | 2,78 |
| 3 | medalhas | 483 | 2,63 |
| 4 | bronze | 425 | 2,31 |
| 5 | prata | 400 | 2,18 |
| 6 | natação | 327 | 1,78 |
| 7 | mais | 209 | 1,14 |
| 8 | atletismo | 208 | 1,13 |
| 9 | agora | 173 | 0,94 |
| 10 | Final | 157 | 0,85 |

Fonte: Maxqda, 2018.

Reconhecimento Esportivo

Já a categoria *Desempenho dos atletas paralímpicos*, com posts que têm como característica principal a citação nominal dos atletas paralímpicos e a descrição da performance esportiva desses atores, compõe os *tweets* de Reconhecimento Esportivo. A breve discussão teórica que fizemos nos permite interpretar que o Reconhecimento Esportivo está calcado nas dimensões de luta dos atletas paralímpicos dentro da esfera da estima social (Honneth, 2003). Esse tipo de reconhecimento registrado pelos posts do CPB, se dá no sentido de busca por algo mais que o “respeito universal” (Mendonça, 2007). O Reconhecimento Esportivo tem como base fundamental a valorização do atleta paralímpico enquanto profissional de elite que tem no esporte adaptado seu trabalho. As demandas expostas nesse sentido pedem, como já vimos, o reconhecimento das particularidades e capacidades individuais ou, em outras palavras, o que nos diferencia um do outro.

A análise das principais palavras utilizadas pelo CPB na categoria de Reconhecimento Esportivo nos faz ver que essa demanda foi apresentada, majoritariamente, por meio das conquistas individuais dos atletas da *natação* e do *atletismo*. O *ranking* nos mostra a liderança e vice-liderança das palavras *atletismo* e *natação*. Ambas as modalidades foram destaque dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Nas piscinas, a delegação brasileira conquistou 19 medalhas – sendo quatro ouros, sete pratas e oito bronzes. As presenças de

palavras como *medalhas, bronze, prata e ouro* também indicam que a entidade reservou espaço para divulgar os resultados e premiações dos atletas paralímpicos, tal qual fez nos *tweets* que expuseram Reconhecimento Institucional. A grande diferença, aqui, é a presença dos nomes dos paratletas, simbolizada por meio das palavras *silva, santos, daniel, danieldias88, rodrigo, felipe, ferreira*. A estrutura interativa de palavras demonstra que o Reconhecimento Esportivo dedicado pelo CPB foi ancorado na *Natação* e se desenvolveu em sete troncos principais, todos liderados por nós representados pelo nome de atletas paralímpicos (apêndice 3).

Tabela 3 – Frequência de palavras da categoria reconhecimento esportivo nos posts do CPB

| | Palavra | Frequência | % |
|----|-----------|------------|------|
| 1 | natação | 197 | 4,04 |
| 2 | Final | 167 | 3,42 |
| 3 | atletismo | 149 | 3,05 |
| 4 | 100m | 129 | 2,64 |
| 5 | ficar | 101 | 2,07 |
| 6 | Livre | 95 | 1,95 |
| 7 | terminar | 79 | 1,62 |
| 8 | Tempo | 68 | 1,39 |
| 9 | ser | 57 | 1,17 |
| 10 | brasil | 55 | 1,13 |

Fonte: Maxqda, 2018

Nas postagens com a *hashtag* dentro da categoria de Reconhecimento Esportivo há a presença de uma atenção direcionada à delegação brasileira, fato evidenciado pela liderança da palavra Brasil entre as mais utilizadas. A comemoração de conquistas, por meio de palavras como medalha, ouro, prata e bronze repete o padrão que já identificamos no Reconhecimento Institucional. A ressalva no Reconhecimento Esportivo é a presença maior de palavras que remetem ao nome dos atletas paralímpicos: *daniel, dias, danieldias88, silva, pereira, rodrigo, joana, terezinha e gomes*.

Na estrutura interativa de palavras (apêndice 4), notamos o domínio da natação e do atletismo entre os representantes da luta por Reconhecimento Esportivo dos atletas paralímpicos dentro dos limites do Twitter. As postagens atreladas ao nó Daniel Dias,

representado pelo atleta multicampeão, bem como as postagens ligadas ao nó *É*, exaltam seus índices nas piscinas e a conquista de medalhas. O nó *Victoria* dá destaque para uma personagem que, até então, não havia aparecido na pesquisa. Victoria do Nascimento, de 20 anos, é atleta do *goalball* e aparece na estrutura interativa de palavras nos *tweets* em que tem seu desempenho mencionado em partidas dos Jogos Paralímpicos. Outro atleta que tem o nome citado por meio de um nó é *Felipe* Gomes, do atletismo. O atleta de 31 anos foi medalha de prata nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Phelipe Rodrigues, de 27 anos, multimedalhista paralímpico, também é atrelado a esse nó. A estrutura também demonstra um nó liderado por *Ítalo Pereira*, nadador de 27 anos, que também conquistou medalha na última edição das Paralimpíadas. *Verônica* Hipólito, de 21 anos, medalhista paralímpica no atletismo, *Josemarcio Souza*, de 18 anos, medalhista no *goalball* e Leomon Moreno, de 24 anos, também do *goalball* representaram nós personalizados com o próprio nome citado como destaque nos *tweets* com a *hashtag*. Entre os esportes mais lembrados pelos usuários para expor o Reconhecimento Esportivo estão a já citada *natação*, o *futebol* de 5⁷ e o *judô*, que trouxe três medalhas de prata para o Brasil com Alana Maldonado, Willians Araújo e Antônio Tenório, atleta símbolo do esporte no país⁸.

Tabela 4 – Frequência de palavras da categoria reconhecimento esportivo nos posts com a hashtag

| | Palavra | Frequência | % |
|---|---------|------------|------|
| 1 | Brasil | 450 | 3,49 |

⁷ A modalidade é praticada por atletas cegos e entrou no programa das Paralimpíadas a partir da edição de Atenas (2004). O Brasil é considerado uma potência na modalidade: até hoje, a delegação brasileira nunca perdeu um jogo sequer no futebol de 5 e ostenta, até hoje, o título de único campeão do esporte. A modalidade é disputada em uma quadra de futsal. São dois tempos de 25 minutos com intervalo de 10 minutos. Os atletas utilizam vendas nos olhos, já que pode haver vantagem entre os paratletas que apresentem percepção luminosa. O goleiro consegue enxergar normalmente. O que orienta os atletas é o som dos guizos no interior das bolas utilizadas no esporte. Para mais informações, ver: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/modalidades/futebol-de-cinco>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

⁸ Tenório tem 45 anos e desde que iniciou sua carreira paralímpica, em Atlanta (1996), nunca ficou fora do pódio. Ao todo, ele ostenta quatro medalhas de ouro conquistadas em sequência nos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008); uma de prata em Londres (2012) e uma de bronze no Rio (2016). Para mais informações, ver: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/judo-conquista-tres-pratas-no-ultimo-dia-de-competicoes-no-rio-2016>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

| | | | |
|----|-----------|-----|------|
| 2 | Natação | 448 | 3,48 |
| 3 | Ouro | 409 | 3,17 |
| 4 | Bronze | 376 | 2,92 |
| 5 | Prata | 354 | 2,75 |
| 6 | Medalhas | 345 | 2,68 |
| 7 | Daniel | 317 | 2,46 |
| 8 | Atletismo | 304 | 2,36 |
| 9 | Dias | 267 | 2,07 |
| 10 | Mais | 208 | 1,61 |

Fonte: Maxqda, 2018

Partindo do ideal normativo de paridade de participação, sabemos que a concretização da justiça social passa, segundo Fraser (Fraser; Honneth, 2003), pela superação da subordinação econômica e da subordinação cultural. Na análise dos *tweets* dedicados a expor Reconhecimento Esportivo a esses atores, porém, chama a atenção a ausência total dos temas referentes às demandas por redistribuição (Fraser; Honneth, 2003). Reconhecemos que o CPB é um órgão ligado ao Governo Federal e que, por isso, dificilmente tornaria pública qualquer desigualdade enfrentada pelo atleta paralímpico na dimensão redistributiva. No entanto, o que percebemos é que a redistribuição também não figurou como uma dimensão de justiça expressa pelos usuários da *hashtag*.

Reconhecimento Afetivo/Ideológico

Em uma tentativa de reflexão a respeito do papel do reconhecimento social para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, Honneth (2007) argumenta que há tipos de reconhecimento que não conduzem ao empoderamento, senão que apenas estimulam seu processo de sujeição. Esse processo de dominação por meio de uma ferramenta de reconhecimento se dá no seio do reconhecimento recíproco. Partindo do referencial teórico construído pelo marxista Louis Althusser e pela filósofa norte-americana Judith Butler, Honneth (2007) se vale do conceito de ideologia para explicar o ato de um indivíduo se “sujeitar” conscientemente a um sistema de regras que lhe conferem identidade, mas que, ao mesmo tempo, pode o aprisionar em um processo de dominação: “Uma vez que o ato de sujeição é concebido nessa acepção dada pelo modelo de uma

aprovação pública, aquilo que nós podemos chamar de “reconhecimento” perde de uma vez por todas as conotações positivas e torna-se mecanismo central de toda a ideologia.

Isso permite interpretar o processo ocorrido com os atletas e os Jogos Paralímpicos dentro dos limites do Reconhecimento Afetivo/Ideológico. Anteriormente, entendíamos que a valorização dos atletas se configurava como um processo incompleto dado que, mesmo com suas capacidades individuais desenvolvidas ou suas demandas por redistribuição latentes, os atletas paralímpicos tendiam a ser reconhecidos sob uma narrativa de estigma, ancorada sob o lastro do coitadismo. Entendemos que o Reconhecimento Afetivo/Ideológico pode guardar narrativas de subordinação na medida em que reforça justamente essa construção estigmatizada de uma personalidade que se pretende emancipada, estimada e, principalmente, disposta a exercer sua paridade de participação (Fraser, 2003).

A construção de uma visão estereotipada dos atletas paralímpicos gera problemas de reconhecimento porque nega a esses atores a possibilidade de participar como pares das atividades que desempenham no esporte, principalmente se colocados lado a lado com atletas sem deficiência. Em outras palavras, ao atleta paralímpico não é facultada a chance de disputar medalhas sem ter a própria performance comparada à de um atleta sem deficiência ou sem ter a superação atribuída à sua condição física sobreposta à sua capacidade e performance esportivas.

As principais palavras pelo CPB para expor Reconhecimento Afetivo/Ideológico (tabela 5) nos permitem visualizar um mapa puxado pela conquista final dos atletas paralímpicos, a *medalha*. O *atletismo* foi a modalidade mais lembrada pela entidade nos *tweets* enquadrados nessa modalidade de reconhecimento. Nota-se, aqui, a presença do nome do então presidente do CPB e atual presidente o Comitê Paralímpico Internacional (IPC), Andrew Parsons, representado na lista por *parsonsandrew*. A presença do nome de Parsons entre as palavras mais citadas pelo CPB nesta categoria mostra uma tentativa da entidade em se valer das palavras do dirigente para dirigir Reconhecimento Afetivo/Ideológico aos atletas paralímpicos e à realização do evento no Brasil. Isso porque Parsons teve suas falas particulares constantemente reproduzidas pelos *tweets* do CPB. Essas falas, por sua vez, eram direcionadas no sentido de demonstrar orgulho pelos atletas paralímpicos por meio de uma narrativa pautada na emoção. As palavras *lindo* e

parabéns também indicam uma inclinação à valorização das conquistas paralímpicas não em termos de desempenho, senão que tendo em vista as dimensões emocionais dos resultados. Outras palavras que marcam a categoria de Reconhecimento Esportivo, mas não aparecem entre as primeiras colocadas, são *coração*, *chorar*, *família* e *sentir*. Todas corroboram com a tese de que, nesta categoria, a característica mais explorada pelos *tweets* é ligada à emoção e ao afeto – sejam esses sentimentos dedicados aos atletas paralímpicos ou aos Jogos Paralímpicos.

A estrutura interativa de palavras é a que oferece nós menos significativos, dado que representou a minoria de posts entre todas as categorias. A partir da palavra mais frequente, medalha, foram registrados cinco troncos principais, sob os nós “!” e de (apêndice 5). A estrutura nos permite ver que o principal eixo explorado pelo CPB por meio das relações textuais feitas nesta categoria diz respeito à narrativa que envolve a emoção após a conquista dos atletas paralímpicos em partidas difíceis. Outra parte significativa das postagens se dedica a mencionar a presença de familiares dos atletas nas arenas de competição. Também destacamos os *tweets* em que o CPB parabeniza os atletas paralímpicos pelos jogos concluídos ou, ainda, pela passagem do aniversário.

Tabela 5 – Frequência de palavras da categoria reconhecimento afetivo/ideológico nos posts do CPB

| | Palavra | Frequência | % |
|----|----------------|-------------------|----------|
| 1 | Medalha | 15 | 1,85 |
| 2 | Atletismo | 13 | 1,60 |
| 3 | Ser | 12 | 1,48 |
| 4 | muito | 11 | 1,36 |
| 5 | parsonsandrew | 11 | 1,36 |
| 6 | Brasil | 9 | 1,11 |
| 7 | Lindo | 9 | 1,11 |
| 8 | Ouro | 9 | 1,11 |
| 9 | Parabéns | 9 | 1,11 |
| 10 | Prata | 9 | 1,11 |

Fonte: Maxqda, 2018.

A tábua com as palavras mais utilizadas pelo público que usou a *hashtag* #JogosParalímpicos (tabela 6) nos mostra em termos muito claros o que explicávamos no início da seção sobre Reconhecimento Afetivo/Ideológico. Assim, como nos posts do CPB, essa categoria de reconhecimento é puxada pelas conquistas da *natação*, com as medalhas de *ouro*, *prata* e *bronze* merecendo destaque entre as postagens do público. As palavras *orgulho*, *parabéns*, *lindo*, *linda*, *chorar*, *emocionante*, *emocionar*, *sensacional*, *coração*, *emoção* e *incrível* dão a dimensão da narrativa utilizada pelos usuários do Twitter para expor Reconhecimento Afetivo/Ideológico aos atletas paralímpicos – a despeito do desempenho esportivo de cada um. As palavras *mito*, *superação* e *monstro* elencam o que falávamos no início deste capítulo. Ao ser valorizados como pessoas dotadas de poderes extraordinários (Shell; Duncan, 1999; Calvo, 2001; Figueiredo, 2014), os atletas paralímpicos experimentam reconhecimento na esfera do amor (HONNETH, 2003).

Tabela 6 – Frequência de palavras da categoria reconhecimento afetivo/ideológico nos posts com a *hashtag*

| | Palavra | Frequência | % |
|----|----------------|-------------------|----------|
| 1 | natação | 244 | 2,48 |
| 2 | daniel | 226 | 2,30 |
| 3 | ouro | 221 | 2,25 |
| 4 | dia | 198 | 2,02 |
| 5 | brasil | 192 | 1,95 |
| 6 | medalha | 170 | 1,73 |
| 7 | atleta | 159 | 1,62 |
| 8 | muito | 137 | 1,39 |
| 9 | orgulho | 130 | 1,32 |
| 10 | parabéns | 123 | 1,25 |

Fonte: Maxqda, 2018.

Ainda que a esfera do reconhecimento afetivo seja a primeira de todas as experiências de reconhecimento recíproco experimentadas pelo indivíduo e que, exatamente por isso, ela seja parte importante na formação da personalidade do sujeito, entendemos que o reconhecimento afetivo, baseado em características pessoais de superação dados os

obstáculos e dificuldades causadas pela deficiência, pode contribuir para o reforço das condições de subordinação que impedem o atleta paralímpico de lutar por paridade de participação (Fraser; Honneth, 2003). A estrutura interativa de palavras nos dá mais alguns elementos que ajudam a encorpar essa reflexão (apêndice 6).

Conclusões

A relação de tipos de reconhecimento encontrados tanto nos posts do CPB, do representante *advocacy* dos atletas paralímpicos do Brasil, quanto nos *tweets* com a *hashtag* #JogosParalímpicos, que representou o evento oficialmente no Twitter, nos permitiu ver que o comitê dedicou a maior parte de suas postagens a exaltar o desempenho esportivo de seus representados em sua página no Twitter. Essa postura foi fincada na esfera da estima social (Honneth, 2003) por meio do que denominamos Reconhecimento Esportivo. Nessa esfera, a base fundamental foi a valorização dos resultados e conquistas individuais do atleta paralímpico durante a execução do seu trabalho nos Jogos Paralímpicos, já que, conforme vimos, foram inseridos nesta categoria os *tweets* que trataram diretamente da performance ou do desempenho específico do atleta paralímpico. Essa forma de reconhecimento impulsiona o atleta em sua busca por paridade de participação (Fraser; Honneth, 2003).

Vimos que, segundo Fraser (Fraser; Honneth, 2003), um ideal normativo de justiça passa pela luta em duas esferas: a da redistribuição e a do reconhecimento. Se o reconhecimento pela performance esportiva encontrou amparo nos posts do CPB, o mesmo não se pode dizer das lutas por redistribuição. Algumas hipóteses podem explicar a falta de visibilidade dada pelo CPB a essas demandas. A primeira delas diz respeito à origem própria da entidade. Mesmo sendo uma organização sem fins lucrativos, o CPB é reconhecido por lei como uma entidade matriz no esporte paralímpico. Como instituição ligada ao Ministério do Esporte, o CPB tem grande parte de suas receitas oriundas do Governo Federal. O relatório anual da entidade referente a 2016 mostra que a receita líquida arrecadada pelo CPB foi de R\$ 142.098.431,22. Desse montante, 82% veio de origens públicas - divididas entre as receitas oriundas da Lei de Incentivo ao Esporte, da Lei Pelé e do patrocínio da Caixa Econômica Federal. Apenas 18% foram referentes à

arrecadação com inscrições, doações e patrocínios⁹. Partindo disso, podemos inferir que a luta por redistribuição dos atletas representados pelo CPB fica constrangida pela própria posição da entidade dentro da estrutura de poder que rege o esporte paralímpico no país. Assim, essa passa a ser, muito mais, uma demanda individualizada do atleta do que, efetivamente, uma luta compartilhada pela entidade que o representa.

Uma outra possibilidade que levantamos para a ausência da face redistributiva da luta do atleta paralímpico por parte do CPB parte de sua intenção dentro dos limites do Twitter. Ao não expor as demandas por redistribuição dos atletas paralímpicos, a entidade priorizou o aspecto positivo que levou o atleta paralímpico a viver o ápice de sua carreira esportiva na cidade do Rio de Janeiro. Em uma escolha delineada, a entidade pareceu se preocupar mais em demonstrar à sua rede de seguidores os aspectos práticos e visíveis das competições e não em explorar as histórias particulares do atleta paralímpico – tanto em sua luta por redistribuição quanto em sua luta por reconhecimento.

Nos *tweets* com a *hashtag* encontramos uma dimensão de assuntos variados, que nem sempre estiveram relacionados aos Jogos Paralímpicos. Nas categorias analisadas na segunda etapa do trabalho, percebemos a presença majoritária de postagens que se debruçaram sobre o objetivo de fazer a divulgação dos Jogos Paralímpicos. Sendo os Jogos Paralímpicos uma ferramenta primordial dos atletas em sua busca por paridade de participação, é impossível dissociar a luta por reconhecimento dos esportistas do esforço próprio do evento em estabelecer-se como par na agenda esportiva mundial. Assim, embora essa modalidade de reconhecimento ancore-se sobre conceitos que parecem deixar o atleta paralímpico em segundo plano, entendemos que essa esfera é importante para a construção do objetivo ideal de justiça desses atores.

A última forma de reconhecimento que encontramos está mais presente nos *tweets* dos usuários da *hashtag* do que nas postagens feitas pelo CPB. A valorização do aspecto pessoal do atleta paralímpico, sem menção à sua face esportiva aparece menos na instituição do que na arena geral de debates do Twitter. O Reconhecimento Afetivo/Ideológico tem suas bases na esfera do amor (Honneth, 2003). Ao valorizar a emoção diante da razão e o pessoal face ao profissional, os *tweets* estiveram, a nosso ver,

⁹ Para o balanço completo, ver: <http://gestaorecursos.cpb.org.br/documentos/balancocpb/Balanco-CPB-2016.pdf>. Acesso em 10 de março de 2018.

no limiar do que Honneth (2007) chama de reconhecimento ideológico. Esse limite é, como o próprio Honneth reconhece, bastante difícil de definir. Dessa forma, entendemos que o reconhecimento que vem acompanhado por adjetivos que o atleta paralímpico recebe, majoritariamente, porque é um esportista de alto rendimento com deficiência não é emancipatório como se pretendem ser os reconhecimentos justificáveis (*Idem*, 2007).

Para esta pesquisa, escolhemos um recorte que, por certo, trouxe uma visibilidade maior ao atleta e aos esportes paralímpicos no país. No entanto, a pouco menos de um ano para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, será que a visão do usuário da *hashtag*, se analisada hoje, ainda é a mesma? Será que o Reconhecimento Institucional continua sendo a principal modalidade de reconhecimento dedicada a esses atores? Outra questão que ainda nos intriga tem relação justamente com a forma como os atletas paralímpicos são reconhecidos: seriam esses atores fadados a ter sempre um reconhecimento calcado no Reconhecimento Ideológico, dado que a deficiência e o estigma a ela associado sempre barram a vivência de sua demanda por reconhecimento e redistribuição em sua plenitude? E em que medida os próprios atletas paralímpicos reconhecem o Twitter como arena de luta por reconhecimento?

Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BLAUWET, C.; WILLICK, S. E. The Paralympic Movement: using sports to promote health, disability rights, and social integration for athletes with disabilities. *PM&R*, v. 4, n. 11, p. 851-856, 2012.
- BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*, v. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.
- BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, v. 7, n. 2, p. 119-140, 2011.
- CAL, D. G. R. Luta pública contra o trabalho infantil doméstico: implicações democráticas das ações de advocacy. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 18, p. 211-242, 2015.
- CALVO, A. P. S. Desporto para Deficientes e Media. 2001. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2001.
- CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; GONÇALVES, C. A. Análise de discurso e análise de conteúdo nas ciências sociais. *AntConte Revista*. Lavras: UFLA, v. 5, n. 1, 2003.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2016. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

FIGUEIREDO, T. H.; NOVAIS, R. A. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. *Logos*, v. 17, n. 2, p. 78-89, 2010.

FRASER, N.; HONNETH, A. *Redistribution or recognition?: a political-philosophical exchange*. Verso, 2003.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética. *Lua Nova* 7, p. 101-138, 2007.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.

HARDIN, J., e HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20 n. 3, p. 246-259, 2003.

HONNETH, A. Teoria Crítica. In: GIDDENS, Antony; TURNER, Jonathan. (org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. Recognition as ideology. *Recognition and power: Axel Honneth and the tradition of critical social theory*, p. 323-347, 2007.

_____. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Ed. 34, 2003.

_____. A dinâmica social do desrespeito: para a situação de uma teoria crítica da sociedade. *Política & Sociedade*, v. 17, n. 40, p. 21-42, 2018.

LIFSCHITZ, S.; ITUASSU, A.; SAVA, P.; VAZ, MB. PUC-Rio Twitter Crawler: software de mineração de dados no Twitter, 2016 (2015).

MAFRA, R. L. M. Comunicação, ocupação, representação: três olhares sobre a noção de advocacy em contextos de deliberação pública. *Revista Compolítica*, v. 4, n. 1, p. 181, 2014. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/61>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

MARQUES, R. F. R. et al. O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. 2010.

MENDONÇA, R. F. Reconhecimento em debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano. *Revista de Sociologia e Política*, n. 29, 2007.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A. Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games, *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, 27-47, 1999.

TAYLOR, C. The politics of recognition. Em: GUTMANN, Amy (ed.) *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton/Chichester: Princeton University Press, 1994.

WHEELER, G. D; STEADWARD, R., D; LEGG, D.; HUTZLER, Yesahavy; CAMPBELL, E.; JOHNSON, A. Personal investment in disability sport careers: an international study. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v16, p. 219-237, 1999.

Agradecimentos e Observações

Agradeço, especialmente, à orientadora Kelly Prudencio e aos professores Arthur Ituassu, Danila Cal e Carla Rizzotto pelas contribuições preciosas para a construção da dissertação que deu origem a esse artigo. Muito obrigada, ainda, aos pareceristas deste periódico pelas observações precisas que permitiram melhorias importantes para o texto.

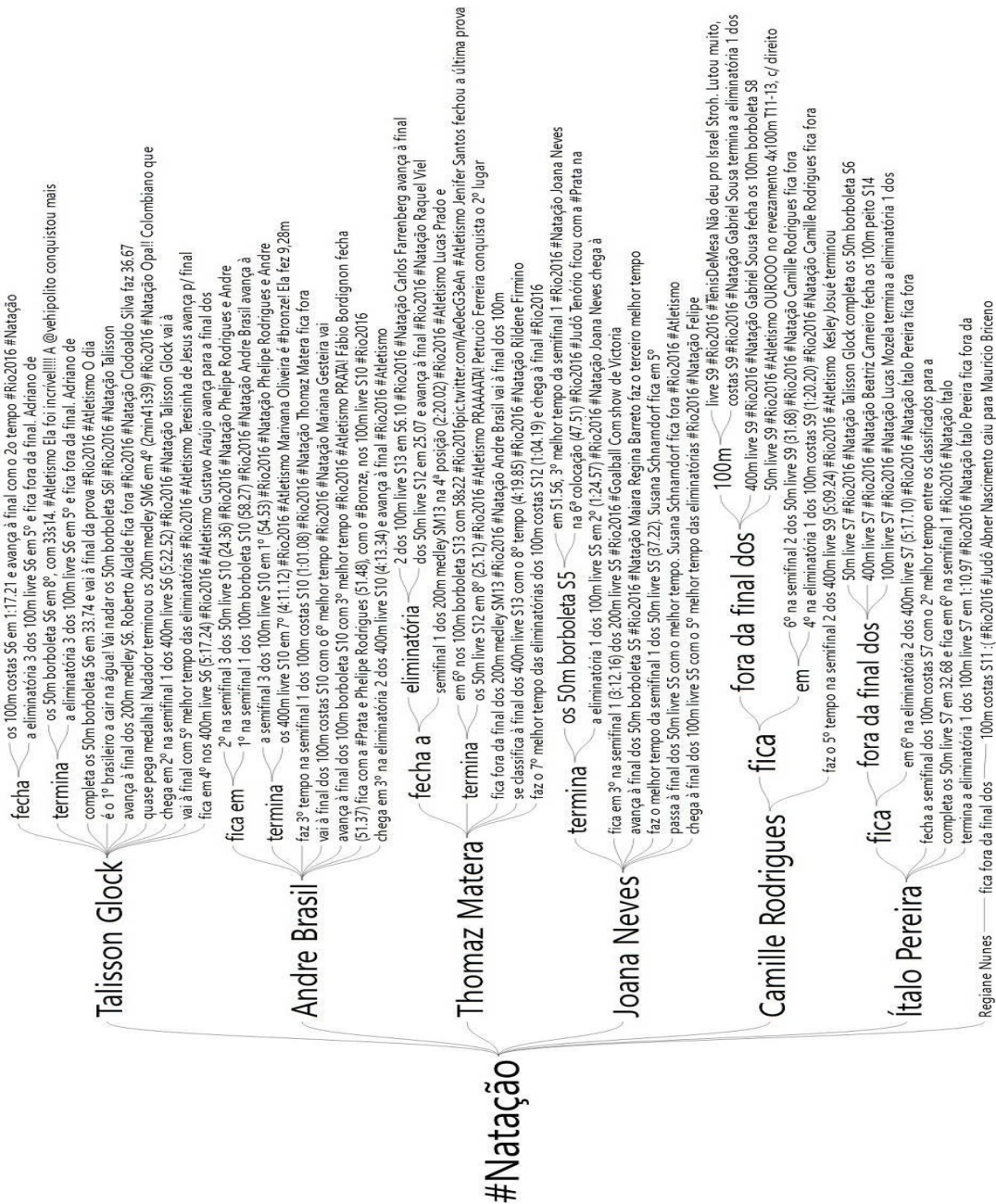
Notas

Uma prévia deste artigo já foi publicada na Revista *Communicare*, edição 18.1, em parceria com a Prof. Dra. Kelly Prudencio. O presente texto é fruto da dissertação de mestrado da autora, defendida em abril de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR (Universidade Federal do Paraná).

A autora

Helen Anacleto é jornalista e doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Também é membro do Compa, Grupo de Pesquisa em Comunicação e Participação Política. E-mail: helen.anacleto@gmail.com

Apêndice 3 - Estrutura interativa de palavras da categoria reconhecimento esportivo nos posts do CPB



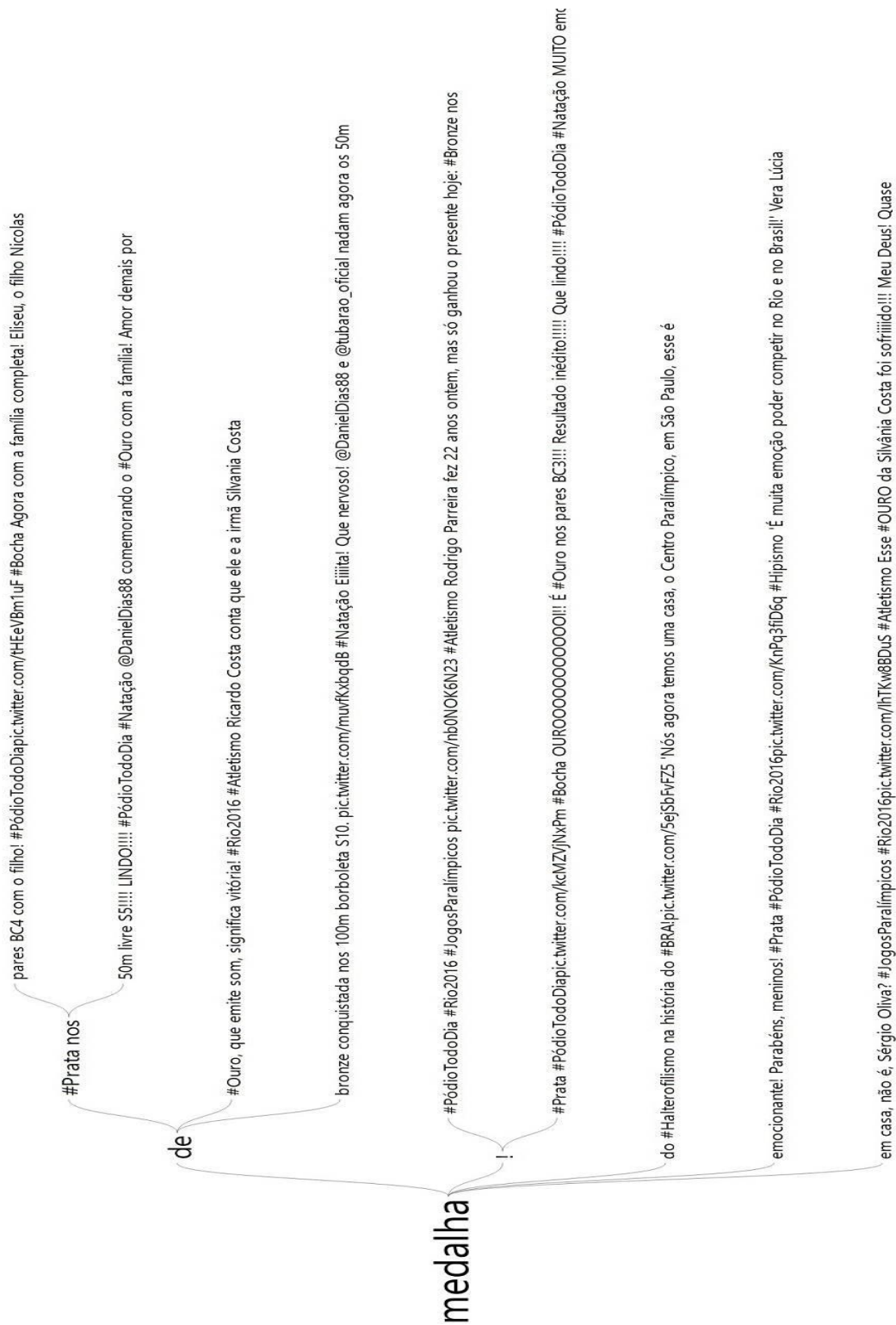
Fonte: Maxqda, 2018.

Apêndice 4 - Estrutura interativa de palavras da categoria reconhecimento esportivo nos posts com a hashtag



Fonte: Maxqda, 2018.

Apêndice 5 - Estrutura interativa de palavras da categoria reconhecimento afetivo/ideológico nos posts do CPB



Fonte: Maxqda, 2018.

Apêndice 6 - Estrutura interativa de palavras da categoria reconhecimento afetivo/ideológico nos posts com a hashtag



Fonte: Maxqda, 2018